

# URBANO-FRONTIEIRIÇO: ESPACIALIDADES E ESPECIFICIDADES URBANAS NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA – OIAPOQUE – AMAPÁ



**Edenilson Dutra de Moura**

*Professor Mestre na Universidade Federal do Amapá  
Doutorando em Geografia  
Universidade Federal do Ceará  
edenilson.moura@unifap.br*

*Vista da Estrada Macapá – Oiapoque (BR-156) no  
período do inverno amazônico.  
Fonte: Moura (2017).*

## RESUMO

Este artigo tem a proposta de contribuir como entendimento da dimensão espacial urbana de Oiapoque, município localizado no extremo norte do Estado do Amapá, portanto, em uma realidade urbana em meio à vida amazônica, em suas múltiplas nuances analíticas. Enfatizamos que a localização geográfica fronteira do município e da cidade de Oiapoque – AP, provoca na produção do espaço reflexos perceptíveis na espacialidade urbana, em diferentes dimensões, como: físico-estruturais, econômicos e culturais, e que, desta forma, diferentes fluxos e redes são estabelecidos na e pela cidade, estas dão importância para o processo urbano de Oiapoque, que mesmo não possuindo alguns atributos, como uma infraestrutura de equipamentos urbanos, uma população pequena, se comparada a outras realidades urbanas brasileiras, apresenta uma relevância no que diz respeito ao papel que a cidade desempenha na rede urbana no contexto regional. Enquanto recursos metodológicos destaca-se a realização de um referencial teórico pautado nas discussões sobre fronteira, questão urbana na Amazônia e sobre a temática fronteira franco-brasileira, juntamente elucidado com a realização de observações in loco. Espera-se com este artigo, proporcionar reflexões sobre a espacialidade urbana de Oiapoque, demonstrando a ausência de investimentos para este importante espaço brasileiro, uma vez que representa uma fronteira que demonstra rica vivacidade e diversidade no urbano amazônico brasileiro.

**Palavras - chave:** Oiapoque – Amapá; Urbano-fronteiriço; Fronteira

## RESUMEN

Este artículo intenta ayudar a comprender la dimensión urbanística de Oiapoque, la región ubicada en el extremo norte del estado de Amapá, en un urbanismo real en el Midst de la Amazonía de la vida, en sus múltiples analíticos matices. Enfatizamos que la ubicación geográfica fronteriza del municipio y de la ciudad de Oiapoque - AP, provoca en la producción del espacio reflejos perceptibles en la espacialidad urbana, en diferentes dimensiones, como: físico-estructurales, económicos y culturales, y que, de esta forma, diferentes flujos y las redes se establecen en y por la ciudad, éstas dan importancia para el proceso urbano de Oiapoque, que aun no poseiendo algunos atributos, como una infraestructura de equipamientos urbanos, una población pequeña, si se compara con otras realidades urbanas brasileñas, presenta una relevancia en lo que dice respecto al papel que la ciudad desempeña en la red urbana en el contexto regional. En cuanto recursos metodológicos se destaca la realización de un referencial teórico pautado en las discusiones sobre frontera, cuestión urbana en la Amazonia y sobre la temática fronteriza franco-brasileña, junto elucidado con la realización de observaciones in loco. Se espera con este artículo, proporcionar reflexiones sobre la espacialidad urbana de Oiapoque, demostrando la ausencia de inversiones para este importante espacio brasileño, ya que representa una frontera que demuestra rica vivacidad y diversidad en el urbano amazónico brasileño.

**Palabras clave:** Oiapoque – Amapá. Urbana de las fronteras. Frontera.

## INTRODUÇÃO

A localização geográfica fronteira do município e da cidade de Oiapoque permite reflexões acerca das influências dos atuais modos de produção espacial que temos na cidade, e, também, levam ao questionamento sobre quais as marcas impressas na paisagem urbana da cidade de Oiapoque se relacionam com a fronteira franco-brasileira.

Consideramos que a localização geográfica fronteira em que se situa o Município de Oiapoque – AP, provoca na produção do espaço urbano, reflexos na espacialidade urbana, em diferentes dimensões, como: físico-estruturais, econômicos e culturais.

A dinâmica fronteira é nitidamente percebida na paisagem urbana, e por meio da observação das marcas impressas no espaço e de processos vinculados à fronteira.

Frente à localização geográfica fronteira do município e da cidade de Oiapoque – AP, o que dinamiza a produção do espaço, trazendo reflexos perceptíveis na paisagem urbana, através de diferentes fluxos, redes e espacialidades que são estabelecidas na e pela cidade, o que dão importância para o processo urbano de Oiapoque, que mesmo não possuindo alguns atributos, como uma infraestrutura satisfatória de equipamentos urbanos, uma população pequena se comparada a outras realidades urbanas brasileiras, ineficiências de suas redes de comunicação, ainda assim, apresenta uma relevância no que diz respeito ao papel que a cidade desempenha na rede urbana no contexto regional, diante à sua localização fronteira.

Contudo, este ensaio tem como objetivo geral contribuir com o entendimento da questão urbana de Oiapoque, atrelada às marcas fronteiriças impressas no espaço

urbano.

Quanto aos procedimentos metodológicos destaca-se a realização de um profícuo referencial teórico-metodológico, com temáticas-chaves para o entendimento da problemática urbano-fronteira em uma totalidade não homogeneizadora da nossa realidade empírica. Baseando-se em diferenciadas técnicas que auxiliaram no desenvolvimento da pesquisa em momentos distintos.

Para o construto metodológico concernente à estrutura e execução da pesquisa, que se balizou sob uma abordagem qualitativa, que segundo Minayo (1999) trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, fluxos, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis numéricas e modelos quantificáveis. Tem-se ainda o registro fotográfico por meio de observações in loco, necessário para ilustrar e auxiliar na iconografia da pesquisa, estes foram realizados entre os anos de 2016 a 2018.

As indagações aqui presente foram intensificadas principalmente durante execução das disciplinas de Geografia Urbana e de Relações Internacionais entre Brasil e França, ministradas na Universidade Federal do Amapá no Campus Binacional Oiapoque, no Curso de Licenciatura em Geografia, em semestres distintos entre os anos de 2016 à 2018, além das reflexões surgidas através do Grupo de Pesquisa em Estudos Urbanos da Amazônia Setentrional (GEURBAS/UNIFAP/CNPq).

Ressalta-se a cautela em estudos urbanos em núcleos de povoamento que se diferenciam em sua produção espacial, sobretudo aos contextos metropolitanos, por se tratarem de pequenas cidades amazônicas e apresentar especificidades regionais, em especial relevância a situação fronteira em que o Oiapoque se localiza: de um lado

Brasil, do outro a Guiana Francesa, um departamento ultramar francês. Portanto, dois países próximos geograficamente e, ao mesmo tempo, distantes no que diz respeito ao modo de produção espacial e ao sistema político administrativo que prevalecem em ambos os países.

Diante desta complexidade da dimensão da “urbano diversidade”, Trindade Júnior (2013) propõe em uma perspectiva metodológica, a diferenciação de “cidades da floresta” e “cidades na floresta”, levando em consideração as diferentes formas da produção do espaço urbano amazônico, (2013, p 5):

*Tal proposição, de natureza conceitual, que estabelece o significado, a forma e o conteúdo da pequena cidade brasileira no passado e hoje, inspira-nos igualmente a propor, para o caso da Amazônia brasileira, a distinção entre as “cidades da floresta” e as “cidades na floresta”. [...] Ao reconhecermos as “cidades da floresta”, busca-se estabelecer a diferenciação em face de outro tipo de cidade, as “cidades na floresta”, que passaram a compor, a partir do processo mais intenso de integração regional ao espaço brasileiro, a nova estrutura urbana e territorial da Amazônia, notadamente na sua porção oriental.*

Desse modo a compreensão das “cidades da floresta”, para o referido autor leva-se em consideração diferentes características espaciais de pequenas cidades, onde muitas delas estão associadas à circulação fluvial e com dinâmicas próximas às relações com a natureza. Esclarece que as “cidades da floresta” eram predominantes na região até a década de 1960 e apresentam características de pequenas cidades, associadas à circulação fluvial e com fortes elos em relação à dinâmica da natureza e à vida rural não moderna. Além disso, tais cidades sempre estabeleceram densas articulações com os seus respectivos entornos ou localidades relativamente próximas (vilas, povoados, comunidades

ribeirinhas etc.). As “cidades na floresta” são aquelas que se articulam, sobretudo, às demandas da região, fazendo da floresta um elemento de pouca integração aos valores da vida urbana, e a tem principalmente como espaço de exploração econômica, Trindade Júnior (2013).

Corrêa (2006, p.258) destaca o papel das pequenas cidades no contexto da rede urbana, afirmando que estas são numerosas e geram, via de regra, expressiva densidade de centros que se situam a uma pequena distância média entre si, ainda que esta possa variar de acordo com a densidade demográfica da região em que se localizam. Neste sentido, em regiões densamente povoadas, o número de centros, cidades com maiores articulações, é elevado, e, a distância média entre eles é pequena; nas regiões escassamente povoadas, ao contrário, o número de centros diminui, aumentando a distância média entre eles, como é o caso da realidade amazônica, em especial a cidade de Oiapoque.

É imprescindível nesta análise, discutir as noções ainda que introdutórias sobre concepções teóricas de fronteira e limite, que facilitam a compreensão dos fluxos e dinâmicas territoriais em contextos urbanos fronteiriços.

Machado (1998) esclarece importantes pontos desta temática, informando, por exemplo, que o limite é o conceito que se refere ao controle exercido por meio de acordos diplomáticos, responsáveis pela delimitação e jurisdição do Estado-Nação, ou seja, representa uma abstração instituída politicamente e reconhecida legalmente pela escala nacional e, ao mesmo tempo, é subordinada ao controle da legislação internacional.

Contudo, é a partir do limite instituído e demarcado politicamente que são conduzidas as múltiplas decisões políticas-administrativas, inclusive as burocracias inerentes aos acordos dos diferentes fluxos internacionais, nos territórios sob influência

direta dos limites instituídos.

Em relação às distintas visões e concepções teóricas de fronteira, há embates teóricos-metodológicos que permeiam esta profícua discussão. Sabe-se que ao longo do tempo, os estudos de fronteira tiveram na história do pensamento geográfico e na epistemologia da ciência geográfica, grandes aprimoramentos teóricos, o que ampliou e incorporou novas abordagens deste importante tema da ciência geográfica.

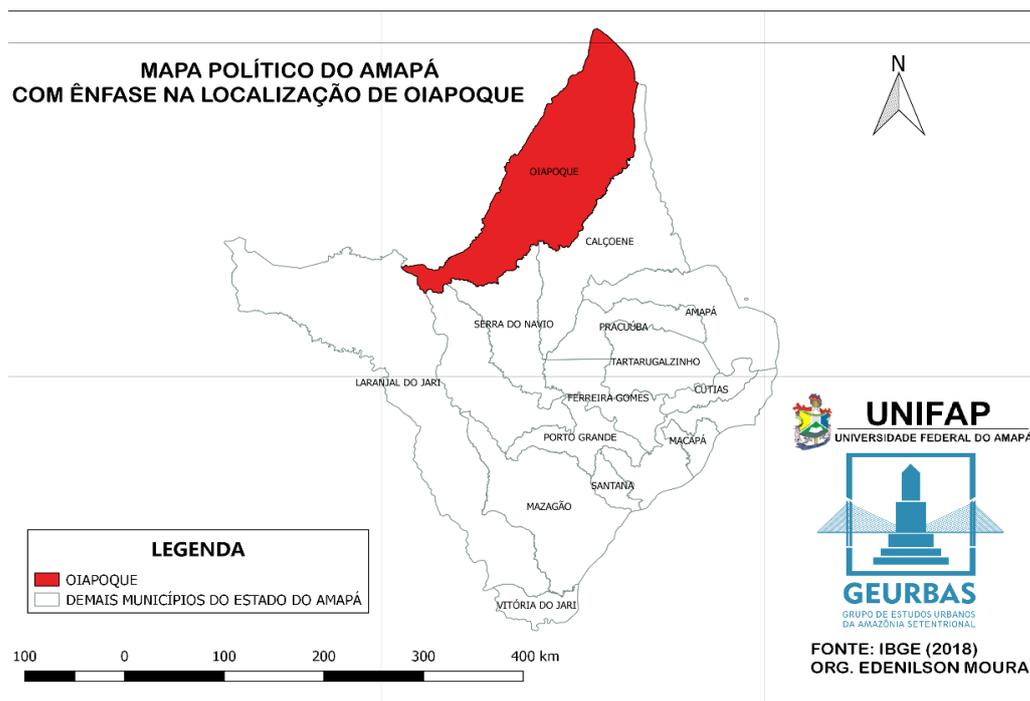
Inicialmente, fronteira quase sempre estava associada à geopolítica, sendo um conceito-chave de entendimento dos conflitos territoriais. Atualmente, o conceito de fronteira está associado também a outras abordagens do conhecimento geográfico e das ciências sociais, como às temáticas urbanas, socioculturais, ambientais e de desenvolvimento regional.

Assim, nosso entendimento considera que a compreensão do termo fronteira é ampla, tendo-a como um espaço de interação social e com elementos específicos impressos na espacialidade, marcada pelo dinamismo transfronteiriço, e que as diferentes trocas marcam os fluxos e produzem o espaço fronteiriço, sobretudo nas cidades.

Diante desta realidade é que se apresenta o Município de Oiapoque localizado no estado do Amapá (Figura 1), distante cerca de 592 quilômetros de Macapá, a capital do Estado. Como já destacado, a municipalidade de Oiapoque está localizada na fronteira setentrional do Brasil, limitando-se com Saint Georges del'Oyapock, município localizado no território da Guiana Francesa, e que apresenta relações, sobretudo, sociais e econômicas, com o lado brasileiro, demonstrando assim na espacialidade urbana a dinâmica entre as cidades-gêmeas (Oiapoque - BR e Saint Georges del'Oyapock - GF).

Além do distrito sede, o município também apresenta outros distritos distribuídos no território oiapoqueense: Clevelândia do Norte, Vila Velha do Cassiporé e Taperebã, além dos territórios indígenas demarcados: terras indígenas Uaçá, Galibi e Juminá (VIDAL, 2009).

Dados do Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena (IEPE, 2013) enfatizam que o município apresenta quatro etnias indígenas: os Karipunas, Galibi do Oiapoque, Galibi do Kumarumã e os Palikur, o que acrescenta na importância e diversidade sociocultural de Oiapoque.



**Figura 01.** Mapa político do Amapá com ênfase na localização do município de Oiapoque.

**Fonte:** IBGE. Elaborado por Moura (2018).

Além dessas especificidades, ainda pontua-se sobre as importantes áreas de preservação ambiental existentes no município. A esse respeito, Oliveira (2011, p. 27) salienta que o Oiapoque constitui uma:

[...] referência nacional e internacional de preservação cultural e ambiental, por abrigar em seu território extensas áreas indígenas (5.441,00 km<sup>2</sup>), especialmente após a criação pelo Governo Federal em 9 de agosto de 2002 do Parque Montanhas do Tumucumaque (8.810,00 km<sup>2</sup>). Conta com uma unidade de conservação que é o Parque Nacional do Cabo Orange (2.137,00 km<sup>2</sup>).

Oiapoque é um dos dezesseis municípios que formam o Estado do Amapá, possuindo uma área de 22.625,286 km<sup>2</sup> e uma população de 25.514 habitantes (Tabela 1), o que representa a quarta maior população do Estado. Segundo estimativas populacionais do IBGE (2017) no Oiapoque tem-se um predomínio de população masculina em relação à população feminina, e uma densidade demográfica de 0,91 habitantes/km<sup>2</sup>.

Município	Estimativa da População (2017) (Habitanes)
Amapá	8.757
Calçoene	10.525
Cutias	5.637
Ferreira Gomes	7.270
Itaubal	5.172
Laranjal do Jari	47.554
Macapá	474.706
Mazagão	20.387
<b>Oiapoque</b>	<b>25.514</b>
Pedra Branca do Amaparí	15.125
Porto Grande	20.611
Pracuúba	4.779
Santana	115.471

Serra do Navio	5.11
Tartarugalzinho	16.112
Vitória do Jari	14.991
<b>POPULAÇÃO TOTAL DO ESTADO DO AMAPÁ</b>	<b>792.549</b>

**Tabela 01.** Estimativa populacional dos municípios amapaenses (2017)

**Fonte:** IBGE (2017). Organizado por Moura. (2018)

O cotidiano urbano de Oiapoque é marcado pelo dinamismo da fronteira. A paisagem urbana da cidade revela em diferentes nuances, tal dinamismo, seja pelo ir e vir de pessoas e catraias pelo rio, pelas marcas impressas no espaço urbano, como os letreiros das fachadas do comércio que apresentam o idioma francês, além do português, na troca da moeda real pelo euro, a cidade representa o centro difusor da troca e do dinamismo urbano da/na fronteira franco-brasileira.

Almeida e Rauber (2017) discutem nesta perspectiva os múltiplos papéis da fronteira em construção, percebida no município de Oiapoque e suas implicações em diferentes perspectivas de compreensão (2017, p.481):

O Município de Oiapoque, um local de encontros e desencontros, de constante fluxo migrante regional e internacional, vivencia, nas últimas décadas, as contradições do desenvolvimento. Essa "fronteira em construção" há séculos apresenta uma articulação entre diferentes escalas e dimensões do espaço no sentido do controle político, da produção econômica, das significações culturais e da constituição físico-ambiental embutidas no (des)ordenamento regional conforme a perspectiva.

Nesta importante porção territorial do Brasil, sobretudo no que tange ao papel fundamental das cidades de fronteira, seja no sentido de integração política, econômica e cultural entre as cidades-gêmeas e os diferentes países, ou ainda no sentido do controle territorial da fronteira, se estabelecem na

produção do espaço geográfico, intensos e variados fluxos, tanto nos circuitos superiores e inferiores da economia urbana, que imprimem na espacialidade urbana diferentes especificidades locais, que se atrelam à condição fronteira a partir de singularidades inerentes às possibilidades que a ciência geográfica possibilita na compreensão destas dinâmicas.

Acerca destas singularidades expressas na fronteira franco-brasileira, Martins (2011, p. 2) acrescenta que:

*A fronteira do Amapá com a Guiana Francesa apresenta singularidades que merecem ser mencionadas: do lado brasileiro localiza-se a cidade de Oiapoque e do lado francês a cidade de Saint Georges, são coletividades separadas por critérios relacionados à soberania; nacionalidade e etnicidade; organização política, administrativa, institucional. Mas também são muito próximas em termos físicos e em função do grau de interação entre seus habitantes por conta do intenso deslocamento de pessoas de um lado a outro da fronteira.*

As interações sociais em espaços fronteiros, como exemplo nas cidades gêmeas, são carregadas de dinamismos de diferentes fluxos e consolidações de múltiplas redes que extrapolam cotidianamente os limites nacionais. Estas espacialidades estão em constante movimento, pois, sabe-se que na produção do ambiente urbano, a cidade manifesta em suas formas e processos a compreensão da produção do espaço geográfico.

## DISCUSSÃO

### SINGULARIDADES FRONTEIRIÇAS NA ESPACIALIDADE FRANCO-BRASILEIRA

A localização geográfica e a situação

fronteira do município e da cidade de Oiapoque como destacado, permitem reflexões acerca das influências dos atuais modos de produção espacial que temos na cidade e, também, levam ao questionamento sobre as marcas impressas na paisagem urbana da cidade de Oiapoque, que se relacionam com a fronteira franco-brasileira.

Ressalta-se que o entendimento da questão urbana, por sua própria amplitude apresenta desafios à produção do conhecimento na ciência geográfica, diante da grande complexidade que o desvendar do fenômeno urbano traz em sua essência.

O desafio de se compreender o processo urbano em uma realidade como no Brasil, por sua grande dimensão territorial, por exemplo, justifica-se com suas múltiplas diversidades regionais, e, nas cidades se consolidam e materializam as especificidades regionais nos espaços urbanos. Diante deste contexto, que trata do entendimento da realidade urbana brasileira, concorda-se com Carlos (2013, p. 67), que pondera:

*A cidade enquanto realização humana, é um fazer-se intenso, ininterrupto. No Brasil, este “fazer-se” aniquila o que já está produzido a fim de criar mais, e, infinitamente, formas novas. Isso nos leva a associar a ideia da cidade com as imagens do inacabado. Em última análise, pode-se dizer que as metamorfoses da cidade produzem imagens de ruínas e de devastações modernas. Por isso, muitos falam da cidade associando-a a ideia de caos. Trata-se, no entanto, de analisar a cidade “por dentro”, isto é, refletir sobre sua natureza. Deve-se aqui lembrar que a cidade tem a dimensão do humano refletindo e reproduzindo-se através do movimento da vida, de um modo de vida, de um tempo específico, que tem na base o processo de constituição do humano.*

Para compreender uma espacialidade urbana como a da cidade de Oiapoque, é necessário imergir-se numa perspectiva de um desvelar urbano crítico, que tem o fenômeno

urbano como um processo complexo e a cidade como a forma deste processo.

Dessa forma a análise da cidade de Oiapoque deve ser interpretada a partir de suas contradições socioespaciais para além de suas formas.

Entretanto, ressalta-se que para o entendimento das diferentes realidades urbanas, faz-se necessário uma cautela específica, no que diz respeito ao uso da escala de análise, pois sabe-se que a realidade urbana no Brasil é diversa, principalmente no que diz respeito à realidade urbana amazônica, como explicita Becker (2013, p. 45) acerca das especificidades dos núcleos urbanos localizados na Amazônia brasileira:

*Frente à teoria, a maioria dos núcleos amazônicos permanece na condição de cidades locais. Os núcleos mais expressivos da região sem dúvida experimentaram ao menos um surto demográfico e econômico, que fez crescer a economia sem mudar seu conteúdo, estrutura e complexidade. Então elas não superaram a condição de lugares centrais e por isso não impulsionaram a expansão econômica e o desenvolvimento regional.*

Para além da análise dos diferentes tempos históricos na realidade local, a localização geográfica do estado do Amapá e especialmente a localização fronteiriça de Oiapoque propiciam importantes reflexões sobre as atuais formas de produção do espaço geográfico em diferentes perspectivas.

Destaca-se que o entendimento do processo de ocupação e territorialização da área de estudo é fundamental para a compreensão de maneira dialética do espaço geográfico e seu movimento inserido nas diferentes temporalidades.

Um período importante da história do Estado do Amapá, a década de 1940, quando o vigente sistema administrativo do país, transforma o Amapá em território federal, pelo Decreto-Lei 5.812 de 13 de setembro de 1943. O discurso para a concretização da

criação do território federal, justamente, a questão da sua localização geográfica fronteiriça e a necessidade de proteção e ocupação desta área, além, de discursos ideológicos e hegemônicos, de ocupação de áreas demograficamente vazias na Amazônia brasileira.

A partir do processo de criação do território federal do Amapá, as dinâmicas urbanas dos municípios, intensificam-se frente às propostas de desenvolvimento regional, representadas, sobretudo, pelos projetos de exploração de recursos naturais como madeira e diferentes minérios (DRUMMOND; PEREIRA, 2007).

O município de Oiapoque foi criado no ano de 1945, tendo como um de seus objetivos a questão da proteção da fronteira do Brasil e da Guiana Francesa, sabendo que há muito tempo, já se tinham diferentes interesses administrativos, ao longo da história, nos dois países, marcados por disputas territoriais (SANTOS, 2012).

A intensificação da ocupação e ampliação dos espaços urbanos no estado do Amapá, provocou uma série de problemas sociais, incluindo-se aí as problemáticas ambientais, sobretudo, diante dos modelos desenvolvimentistas, representados por empresas preocupadas, sobretudo, com o aumento da produtividade industrial e, conseqüentemente, com a ampliação de seus lucros.

No caso do município de Oiapoque, um ponto chave para o entendimento de sua produção espacial é o período econômico marcado pelo garimpo de ouro na região, o que vai de certo modo direcionar um modelo de produção do espaço urbano perceptível na contemporaneidade. Sobre este tema, traz-se aqui as ideias de Tostes (2013, p.78), que considerou:

*As atividades que influenciam os distintos núcleos urbanos estão configuradas entre as atividades clandestinas, garimpos ilegais, invasões*

*e outras atividades. Verifica-se que em todas as cidades foram observadas atividades clandestinas. Tais atividades podem ser classificadas em relação a irregularidades de obras, camelôs, ambulantes, ocupação de áreas de rios, várzeas ou igarapés [...] Mas a cidade que tem a maior incidência da atividade de garimpo é o Oiapoque. A presença dessa atividade está registrada em tudo na cidade: no comércio, nos serviços, nos equipamentos, nas instituições, sendo hoje um dos maiores entraves.*

Pondera-se que mesmo de maneira introdutória, verifica-se a importância de percebermos na realidade urbana amazônica, formas que contemplem as especificidades regionais no processo de formação territorial, que se consolidam ao longo do tempo, frente às dinâmicas das pequenas cidades amazônicas, não homogeneizando as discussões e análises sobre os fenômenos no território amazônico.

Ou seja, para o entendimento do processo urbano na contemporaneidade, é necessário a ampliação do olhar para a relação espaço-tempo, nas pequenas cidades amazônicas, como provoca Oliveira (2007, p.179) ao elencar que:

*As pequenas cidades amazônicas não são apenas produtos do nosso tempo, mas, de tempos pretéritos cristalizados na paisagem, algumas delas foram criadas no período da colonização e outras na economia da borracha. Porém, na paisagem dessas pequenas cidades são poucos os objetos que retomam esses períodos. Aqui surge outra questão fundamental para se compreender as cidades na Amazônia, qual seja, de que a paisagem urbana não resume apenas o conjunto de objetos, mas, contém modos de vida, os quais, como os primeiros, são resultantes das relações de produção continuamente produzidas, reproduzidas, criadas e recriadas, contendo as dimensões da sociedade de cada tempo.*

Diante do exposto, observa-se nossa preocupação em se realizar uma análise da

produção do espaço urbano, tendo a reflexão de que a cidade é dos que vivem nela, sejam os grupos indígenas, quilombolas, migrantes e tantos outros protagonistas amazônicos, ou seja, a análise pautada nas relações sócioespaciais, e, conseqüentemente, incluir na dimensão de análise, o papel relevante do Estado, em mediar e às vezes induzir os conflitos sociais, na escala urbana, e em especial relevo, as relações destes conflitos com a situação fronteiriça.

Entende-se, contudo que as ações do Estado são cruciais para garantir uma melhor qualidade de vida, representadas pelas diferentes articulações de políticas públicas, que visam à civilidade e melhoria de vida do povo urbano amazônico. Ainda utilizamos das reflexões de Oliveira (2007), para explicitar o papel do Estado na gestão de espaços amazônicos, o autor supracitado assegura (2007, p.181):

*O Estado não é responsável por tudo, mas numa região como a Amazônia o papel do Estado é relevante como indutor e como mediador de conflitos. As ações do Estado deveriam buscar as condições da urbanidade, o que significa articular as políticas públicas, visando remir os espaços coletivos como signo da nova cidade, não só como funcionalidade da produção e da circulação, mas como lugar das pessoas. Além disso, deve-se perseguir a busca de criar tempos e espaços para a vida em toda dimensão. Isto passa pelo resgate da cidadania que exige a concretude de uma vida decente, que pressupõe o acesso às condições dignas de vivência.*

Pondera-se que para o entendimento da questão urbana, na escala local, perpassa-se pelo papel do poder público para respondermos a alguns questionamentos, como exemplo a carência de equipamentos públicos das mais diferentes áreas, como saúde, educação, infraestrutura viária, ausência de espaços para a prática de lazer, ausência de saneamento básico, dentre outros

problemas de ordem da gestão do poder público, nas diferentes esferas administrativas (municipal, estadual e federal).

As diferentes realidades urbanas amazônicas na Região Norte do Brasil, são de modo geral repletas de problemas e ausências de infraestrutura de diversos equipamentos públicos urbanos, realidade presente tanto nas capitais quanto nas cidades localizadas nos interiores dos estados nortistas.

O Índice de Bem-Estar Urbano dos Municípios Brasileiros (IBEU), publicado em 2016, classificou os 5.565 municípios brasileiros de acordo com critérios como mobilidade, condições ambientais urbanas, condições habitacionais, atendimentos de serviços coletivos e infraestrutura diversa. De acordo com este índice, as capitais da região norte brasileira ocupam os piores lugares entre as capitais das demais regiões, e Macapá a capital do Amapá, ocupa o último lugar (27ª posição) entre as capitais brasileiras e a 5142ª posição no ranking geral dos municípios.

O município de Oiapoque neste índice de bem-estar urbano ocupa a 5464ª posição, no quadro geral dos municípios brasileiros, evidenciando dessa forma, a precariedade dos serviços públicos e infraestrutura urbana, que é ofertada à população.

Como em outras realidades brasileiras, nas cidades amazônicas tem-se também o sucateamento das prefeituras municipais, além de políticas públicas meramente assistencialistas presas a interesses pessoais e partidários. No Estado do Amapá, conforme Tostes (2013, p. 87), essa realidade é presente na medida em que:

*Os municípios amapaenses revelam a face cruel dos municípios amazônicos. A falta de cumplicidade entre as esferas administrativas e de poder tem contribuído para a queda da qualidade de vida, seja pela não oferta de serviços de transporte coletivo, água, esgoto, pavimentação, sistema de trânsito, entre outros. A passividade do legislativo também tem sido um fator adverso a*

*todo esse processo de preocupação com as questões urbanas e de planejamento.*

Como evidenciado, para se ter uma análise fidedigna da espacialidade urbana no contexto amazônico é um desafio à vista, e tal desafio ocorre como explicita o presente texto, por vários fatores, que influenciaram e influenciam nos atuais modelos de produção do espaço geográfico, dentre eles destaca-se a localização geográfica e a situação fronteiriça do município de Oiapoque e suas atuais marcas no espaço urbano.

Na espacialidade fronteiriça, no contexto franco-amapaense, é notório na paisagem urbana a presença de interações que são estabelecidas pela sociedade, onde diferentes práticas econômicas, sociais, políticas e culturais dos diferentes territórios e territorialidades, representados por diferentes protagonistas sociais, como os povos da florestas, indígenas, garimpeiros, ribeirinhos, franco-guianenses, franceses, relacionam-se diretamente e têm no cotidiano urbano, a experiência do viver a/na fronteira, ou seja, a prática das interações sociais das relações internacionais nomeio urbano amazônico.

## **INTRAURBANO E INTERURBANO CONTEMPORÂNEO SOB O CONTEXTO FRANCO-BRASILEIRO**

Mesmo localizado em uma importante porção territorial no contexto brasileiro, representando a única fronteira do Brasil com um departamento ultramarino francês, o espaço urbano de Oiapoque é marcado por sérios problemas sociais e ausências de equipamentos públicos que possibilitariam uma melhor qualidade de vida de sua população.

Entre as mazelas urbanas destacam-se deficiências na estrutura físicos equipamentos públicos nas áreas de saúde

e educação, má gestão dos resíduos sólidos urbanos, que ainda são descartados no chamado “lixão” na área urbana, o que provoca sérios problemas ambientais na cidade, ausência de saneamento básico e tratamento de esgoto, problemáticas relacionadas às moradias em áreas inapropriadas à habitação, ausência de espaços públicos para a prática de lazer, excessiva quantidade de lixo e esgoto descartados no rio Oiapoque, grande quantidade de vias públicas não pavimentadas, dentre outras mazelas presentes na cidade.

Atualmente a cidade de Oiapoque possui doze bairros e uma área quilombola<sup>1</sup>.

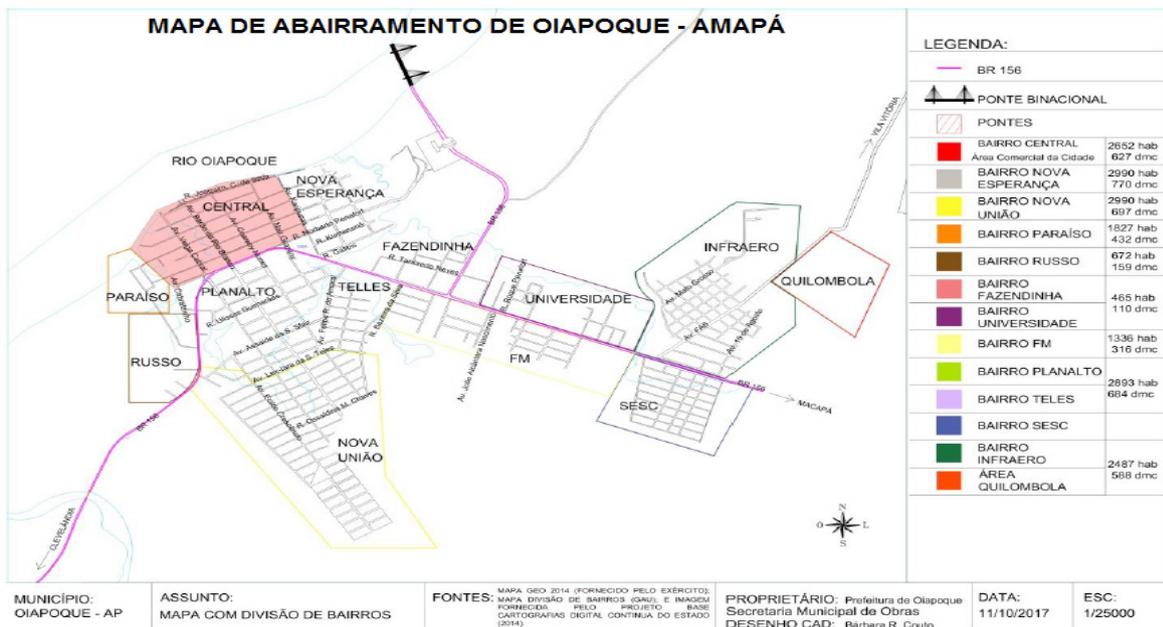
A Figura 2 e o Quadro 1 na sequência, evidenciam o atual abairrmamento da cidade de Oiapoque.

Destaca-se que em bairros como o Universidade, existe uma tendência à supervalorização do espaço urbano em detrimento da UNIFAP, o que está promovendo a valorização imobiliária e futuramente proporcionará possíveis áreas de diferenciação socioespacial na cidade.

### ABAIRRAMENTO DE OIAPOQUE

1. Centro / Central
2. Nova Esperança
3. Nova União
4. Paraíso
5. Russo
6. Fazendinha
7. Fm
8. Planalto
9. Telles
10. Sesc
11. Infraero
12. Área quilombola

**Quadro 01.** Abairramento de Oiapoque – Amapá  
**Org:** Moura (2018).



**Figura 02.** Mapa de abairramento de Oiapoque – Amapá.

**Fonte:** Prefeitura Municipal de Oiapoque. Elaborado por: Couto, B. R. (2017). Adaptado por Moura (2018).

1 Área quilombola conhecida como Cantuário do Pai Bené, localizada nas proximidades do Bairro Infraero, portanto, inserido às dinâmicas urbanas de Oiapoque, o local afigura-se como um centro cultural e religiosos de matriz africana, com práticas do Candomblé e Umbanda.

Um dos principais entraves para o desenvolvimento local e regional-fronteiriço de Oiapoque é a não conclusão do asfaltamento de um trecho de cerca de 110 Km, (Figura 3) que anualmente com o período das chuvas<sup>2</sup>, apresenta a mazela anual dos já conhecidos atoleiros da BR-156, a principal dificuldade de conexão da rede rodoviária de Oiapoque.

Neste período de inverno, no espaço urbano de Oiapoque, são sentidos os impactos dos atoleiros no cotidiano da cidade. As viagens (Macapá – Oiapoque / Oiapoque – Macapá) que normalmente no período de verão amazônico (baixos índices pluviométricos), são feitas em cerca de 10 horas, são aumentadas significativamente pelos inúmeros pontos de atoleiros e buracos na BR-156. Além da alta dos preços das mercadorias básicas encontradas nos estabelecimentos comerciais da cidade, incluindo alimentos, combustíveis e gás de cozinha.



**Figura 03.** Estrada Macapá – Oiapoque (BR-156) no período do inverno amazônico.

**Fonte:** Moura (2017).

Ainda no âmbito da rede técnica atrelada à questão urbana, destaca-se que a cidade de Oiapoque ainda é dependente de óleo diesel para a distribuição da energia elétrica, uma vez que a cidade ainda não está inserida no sistema nacional de distribuição de energia elétrica, (sistema interligado nacional) ainda não está conectada aos

“linhões” de transmissão, o que desse modo, tal atividade também é impactada no período das chuvas intensas em momentos de atoleiros, da rodovia federal, o que provoca na cidade constantes faltas de energia no espaço urbano, frente ao atrasos dos caminhões que distribuem o óleo diesel para a geração de energia elétrica.

Este cenário pode ser alterado frente a novas políticas energéticas que estão sendo geridas para a região. Segundo dados do Ministério de Minas e Energia (2018), o Sistema Isolado de Oiapoque atualmente é suprido por um Produtor Independente de Energia Elétrica (PIE) através de contrato estabelecido por meio de leilão, realizado no ano de 2014, com vigência até novembro do ano de 2030. Estão em operação a Usina Termelétrica (UTE) Oiapoque, com capacidade instalada de 12,83 MW (10 unidades geradoras operando desde novembro de 2015), e a UFV Oiapoque, com 4,3 MWp (ou 3,6 MW), a ser desativada quando se der a operação da PCH Salto Cafesoca (7,5 MW), prevista para 2021.

A Pequena Central Hidrelétrica (PCH) Salto Cafesoca, será implantada no rio Oiapoque, na fronteira com a Guiana Francesa, seu projeto foi aprovado ainda no ano de 1997 pelo Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica (DNAEE), o projeto prevê um arranjo/sistema sem barragem, deverá apresentar estruturas localizadas na margem direita, no lado brasileiro do rio Oiapoque, ou seja, no limite da fronteira franco-brasileira (MME, 2018).

Destaca-se que a problemática da distribuição de energia elétrica em Oiapoque, acarreta outras problemáticas nas redes informacionais no território fronteiriço aqui discutido.

Como exemplo desse desencadear de problemas da conexão das redes estabelecidas no território, temos a internet

<sup>2</sup> Período conhecido como inverno amazônico, marcado por altos índices pluviométricos, datados entre meses de dezembro a julho, o que pode variar de acordo com extensão do período das chuvas durante o ano. Em contrapartida, o chamado verão amazônico é o período com poucas chuvas e até mesmo a inexistência delas. Ressalta-se que por se localizar próximo a Linha do Equador, as variações de temperatura, são sempre baixas, quase sempre é quente nesta região.

e telefonia fixa e móvel, que mesmo em um período de alta conectividade pela rede mundial de computadores, marcado por avanços no sistema técnico-científico-informacional, Oiapoque ainda apresenta sérias deficiências nas redes técnicas-informacionais na contemporaneidade, não diferente de outras realidades de pequenas cidades que também vivenciam o isolamento territorial brasileiro.

Tais complexidades nos faz pensar nas desigualdades territoriais no Brasil, e, ainda nos leva a reflexão de que estamos próximos geograficamente de um país com outra realidade, em termos de conexidade de redes-territórios, mostrando um distanciamento na forma em que os territórios e as redes produzem o espaço fronteiro no norte brasileiro: proximidades e distâncias territoriais.

Destaca-se ainda como principal marca da possível e questionável integração da/na fronteira franco-brasileira é a abertura parcial da Ponte Binacional, oficializada no mês de março de 2017. A abertura da ponte substitui parcialmente o uso regular de balsas e catraias<sup>3</sup> no rio Oiapoque. Ressalta-se que existem regras para travessia sob a ponte, como exigência de visto, estão mantidas e condicionadas ao pagamento do seguro para os veículos brasileiros, que variam entre 250 a 450 euros, de acordo com modelo do automóvel. A ponte fica aberta de segunda-feira à sexta-feira, das 8h às 18h, e aos sábados, das 8h às 12h.

Esta abertura pode simbolizar a concretização de potencialidades e promover o desenvolvimento econômico para a cidade de Oiapoque, por exemplo, através de atividades comerciais e de serviços, como a estruturação de atividades turísticas em espaços naturais. No entanto, também podem existir implicações negativas com a abertura deste objeto técnico de integração, que devem

ser priorizados nas elaborações de políticas regionais e locais, evitando conflitos que podem promover ainda mais o distanciamento entre os dois países, através das distintas ideologias políticas e administrativas.

É certo que a cidade de Oiapoque representa o espaço urbano mais impactado com a abertura da Ponte Binacional, por isso fundamental importância na elaboração de políticas eficazes para a administração entre os dois países, que são beneficiados pela ponte. Tais políticas devem priorizar o desenvolvimento econômico e social em ambos os países, mas, como destacado ao longo do artigo, é na cidade de Oiapoque que os fluxos e as trocas fronteiriças materializam-se no espaço geográfico amapaense. Desta forma, concorda-se com as ideias de Silva e Superti ao apontarem que (2015, p. 65):

*A inauguração da Ponte Binacional abre possibilidades para o desenvolvimento econômico e social do município ressaltando suas atividades comerciais e permitindo novas oportunidades com o aproveitamento de seu potencial turístico. Contudo, as políticas públicas de instalação das infraestruturas transfronteiriças (IIRSA e Programa de Aceleração do Crescimento – PAC) não vislumbram a inserção de mecanismos de desenvolvimento urbano em escala local. De modo que, se existem perspectivas positivas, elas só serão viabilizadas por políticas estruturais socioeconômicas fomentadas a partir do contexto local, caso contrário, a cidade de Oiapoque pode, também, se tornar simples rota de passagem, com seu atual centro comercial isolado pelo posicionamento do ramal de acesso que liga a ponte diretamente a BR-156 sem passar pelo núcleo urbano ou ainda o surgimento de uma nova cidade sob influência do fluxo entre a rodovia e a ponte.*

Evidentemente que os impactos da abertura da Ponte Binacional extrapolam a escala urbana local, mas, sem dúvida, a

3 Nome dado a embarcação fluvial que transporta pessoas e pequenas mercadorias entre as cidades-gêmeas Oiapoque e Saint George. Catraeiro é o nome dado para os condutores da embarcação.

cidade de Oiapoque deve ser contemplada em políticas públicas estruturantes, como potencializadoras do bem-estar social e da qualidade de vida urbana oiapoqueense.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que ocorra o desenvolvimento social em sua totalidade é imprescindível a produção de novos conhecimentos destas realidades específicas em escalas locais/regionais e que todos protagonistas sociais sejam partícipes do dito desenvolvimento.

Este artigo se apresenta como possibilidade de contribuição que vai além da compreensão da área em estudo, bem como, um mecanismo suporte para estabelecer ferramentas de gestão territorial para que se tenha um melhor planejamento e direcionamento de políticas públicas mais eficazes no espaço urbano fronteiro de Oiapoque, possibilitando, assim, diante de novos mecanismos e práticas políticas de planejamento urbano, melhorias nesta importante área do território brasileiro, uma região fronteira repleta de vivacidade territorial.

Afinal, como é mencionado no principal monumento da cidade de Oiapoque, “Aqui começa o Brasil”, a cidade ainda é conhecida nacionalmente pela representação social simbólica de extremo norte brasileiro. A conhecida frase “do Oiapoque ao Chuí”, continua em muitos imaginários e representações sociais acerca das distâncias territoriais brasileiras. E, que este começo não seja apenas no sentido locacional da dimensão territorial brasileira, mas, represente (re) começos, de mudanças e práticas estruturais na cidade em sentidos amplos, sobretudo, em uma cidade com menos desigualdades sociais e mais justiça espacial.

Os desafios para o entendimento e gestão do território urbano fronteiro é gigante, no entanto, o reconhecer das potencialidades e limites da fronteira, para além do limite

instituído no exercício do controle territorial, significa avanços para o desenvolvimento regional, sinalizando a necessidade de projetos que realizem na prática a integração regional e desenvolvimento territorial urbano, para além da visão mercadológica e exploratória da fronteira franco-brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carina Santos de; RAUBER, Alexandre Luiz. Oiapoque, aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do desenvolvimento regional. In: **Redes- Revista do Desenvolvimento Regional**. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 22, n. 1, janeiro-abril, Santa Cruz do Sul, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/8532/pdf>. Acesso em: Março de 2018.

BECKER, Bertha. **A urbe amazônica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DRUMMOND, José Augusto. PEREIRA, Mariângela de Araújo Póvoas. **O Amapá nos tempos do manganês: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico (1943 -2000)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

IBEU, **Índice de bem-estar urbano dos municípios brasileiros**. Observatório das Metrôpoles, Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano e Regional, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia. Disponível em: <http://observatoriodasmetrosoles.net/>

images/abook\_file/ibeumunicipal\_final.pdf, Rio de Janeiro, 2016. Acesso em março de 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas populacionais do ano de 2017**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. Acesso em junho de 2018.

IEPE, Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena. **Artefatos e matérias-primas dos povos indígenas do Oiapoque**. São Paulo, IEPE, 2013.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T.M.; DAMIANI, A.; SCHAFFER, N.O.; BAUTH, N.; DUTRA, V.S. (org.). **Fronteiras e Espaço Global**, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre, 1998, p.41-49.

MARTINS, Carmentilla das Chagas. Migração transfronteiriça na Amazônia: brasileiros na Guiana Francesa. **Anais do III Simpósio de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Programa “San Tiago Dantas”** (UNESP, UNICAMP e PUC/SP). São Paulo, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1999.

MME, Ministério de Minas e Energia. **Sistemas isolados: estudo de alternativas para suprimento de energia elétrica ao oiapoque pelo sistema interligado nacional**. Brasília; Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <http://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-281/EPE-DEE-NT-001-2018-r0%20-%20Alternativas%20Oiapoque.pdf>. Acesso em junho de 2018.

NASCIMENTO, Oscarito Antunes do. TOSTES, José Alberto. Oiapoque – “Aqui começa o Brasil”: as perspectivas de desenvolvimento a partir da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa. **Anais**

**do IV Encontro da Associação Nacional da Pós-Graduação, Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS)**, Brasília, 2008.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Cidades, rios e floresta: raízes fincadas na cultura e na natureza. In: BRAGA, Sérgio Ivan Gil (org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

OIAPOQUE, Prefeitura Municipal de. Mapa do abairramento da cidade de Oiapoque. Elaboração: COUTO, Bárbara R. Oiapoque, 2017.

OLIVEIRA, Betiana de Souza. **Dinâmicas sociais na fronteira entre o estado do Amapá e a Guiana Francesa: um estudo sobre Oiapoque, Vila Vitória do Oiapoque e Cayenne**. Dissertação. (Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Amapá. Macapá, 2011.

SANTOS, EMMANUEL RAIMUNDO COSTA. **Amazônia setentrional amapaense: do “mundo” das águas às florestas protegidas**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/ Campus Presidente Prudente Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2012.

SILVA, Gutemberg Vilhena; SUPERTI, Eliane. Fronteira internacional do Amapá: processos de interação e estratégias de defesa e segurança. In: PORTO, Jadson Luis Rebelo; CHAVES, Daniel; NORONHA, Andrius. **A fronteira setentrional brasileira: das histórias pós-coloniais à formação de uma fronteira tardia**. Macapá; Rio de Janeiro: Edunifap; Autografia Editora, 2015.

TOSTES, José Alberto. Transformações e dinâmicas urbanas ocorridas nas cidades do estado do Amapá (1950-2010). In: PORTO,

Jadson Luís Rebelo. **Dinâmicas periférico-estratégicas da fronteira da Amazônia setentrional:** das políticas públicas e redes institucionais à integração espacial. Rio de Janeiro: Publit, 2013.

TRINDADE JÚNIOR, Saint Clair Cordeiro da. “Das cidades na floresta” às “cidades da floresta”: espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. In: **Papers do NAEA**. N. 321. Belém, 2013.

VIDAL, Lux Boelitz. **Povos indígenas do baixo Oiapoque:** O encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e IEPE, 2009, 96p.